



## A inocência perdida das forças produtivas: O progresso das armas e as origens da “discrepância prometeica” (Walter Benjamin, Günther Anders)

Felipe Catalani<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, testamos a hipótese de que, após a Primeira Guerra Mundial, ocorre uma mudança na concepção de técnica no pensamento alemão, sobretudo no que concerne à relação entre técnica e história. Tentamos mostrar como isso ocorre tanto à esquerda, como na crítica de Walter Benjamin à noção progressista de técnica, que antecipa aquilo que Günther Anders chamará de “discrepância prometeica”, quanto no pensamento conservador alemão, que passa a fazer um elogio antiprogredista do progresso técnico (como no caso de Ernst Jünger e Oswald Spengler).

**Palavras-chave:** Walter Benjamin; Günther Anders; crítica da técnica; filosofia da história.

**Abstract:** In this paper we test the hypothesis that, after the First World War, a change in the conception of technique occurs in German thought, especially concerning the relationship between technique and history. We try to show how this occurs both on the left, as in Walter Benjamin's critique of the progressist notion of technique, which anticipates what Günther Anders will call the "Promethean discrepancy", and in German conservative thought, which moves to an anti-progressive praise of technical progress (as in the case of Ernst Jünger and Oswald Spengler).

**Keywords:** Walter Benjamin, Günther Anders, technology critique, philosophy of history.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: felipecatalani@gmail.com.

*Todo meio técnico possui uma  
qualidade militar velada ou aberta.*  
Ernst Jünger, *Der Arbeiter* (1932)

“Batalhas com cloroacetofenona, difenilamina cloroarsina e sulfeto de dicloroetila” é o subtítulo quase impronunciável, dificilmente memorizável e estilisticamente destoante de um pequeno artigo de Walter Benjamin intitulado “As armas de amanhã”. Na verdade, há uma controvérsia em torno da autoria desse texto, publicado originalmente como uma denúncia das novas armas químicas no *Vossische Zeitung* em 1925, sem uma assinatura clara. Embora trechos deste texto reapareçam integralmente no ensaio “Teorias do fascismo alemão”, há aqui certamente marcas das mãos de Dora Sophie Kellner, com quem Benjamin era casado na época, e cujas iniciais aparecem impressas naquele jornal.<sup>2</sup> Kellner havia estudado química e filosofia em Viena e naquele momento refletia sobre a técnica militar que havia sido empregada na Primeira Guerra Mundial, o que resultará em seu romance de 1930, intitulado *Gas gegen Gas* (Gás contra Gás). O texto apresenta um conhecimento bastante específico de química, sem o qual ele certamente perderia em termos de força descritiva:

Com o que se parecem os gases venenosos, cuja aplicação pressupõe a suspensão de todos os movimentos humanos? Conhecemos dezessete até agora, dos quais o gás mostarda e a lewisita são os mais importantes. O gás mostarda corrói a carne e, quando não acarreta diretamente a morte, produz queimaduras cuja cura demanda três meses. Esse gás permanece virulento durante meses em objetos que entraram em contato com ele. Nas regiões que alguma vez foram alvo de um ataque com gás mostarda, meses depois, cada pisada no solo, cada maçaneta de porta e cada faca de pão ainda podem provocar a morte. O gás mostarda, a exemplo de muitos outros gases venenosos, torna todos os víveres incomedíveis e envenena a água. Os estrategistas imaginam assim a utilização desse recurso: certos distritos taticamente importantes devem ser cercados com barreiras de gás mostarda ou então de difenilamina clorasina. Dentro dessas barreiras tudo perece e nada consegue passar por elas. Desse modo, casas, cidades, campos podem ser preparados de tal forma que, durante meses, nenhuma vida animal ou vegetal é capaz de medrar neles. Nem é preciso dizer que, no caso da guerra com gás, cai por terra a diferenciação entre população civil

---

<sup>2</sup> O texto, embora retomado nos *Gesammelte Schriften* de Benjamin e tendo constado em uma pequena lista pessoal do próprio autor como “meus trabalhos publicados”, aparece no jornal com a assinatura de “d.s.b.”, provavelmente as iniciais do nome de Dora Sophie Benjamin. É também pouco conhecido o fato de que ambos tiveram um filho juntos, Stefan Raphael Benjamin (1918-1972).

e população combatente e, desse modo, um dos fundamentos mais sólidos do direito dos povos. A “lewisita” é um veneno à base de arsênico que penetra imediatamente no sangue, matando de forma irremediável e súbita tudo o que atinge. Durante meses todas as áreas atingidas com esse gás ficam empestadas de cadáveres.<sup>3</sup>

O texto tinha por objeto a Grande Guerra, e ao mesmo tempo antecipava “a próxima”, que já figurava no horizonte. Como as forças produtivas não regridem, só avançam, já era possível saber que na próxima guerra seria aplicada, no mínimo, o mesmo nível de destrutividade possibilitado pelo progresso técnico já disponível na época. Como se sabe, os gases químicos não desapareceram: na guerra seguinte, o uso focalizado do Zyklon B permitiu o assassinato organizado de mais de 1,1 milhão de pessoas em câmaras de gás. Benjamin não chegou a viver para ver o desfecho da longa catástrofe de 1914-1945, no qual a energia liberada pela fissão do átomo, graças a um grande projeto envolvendo cientistas, o Estado americano, uma centena de empresas, 130 mil empregados e vários bilhões de dólares, pôde ser encaminhada de tal modo que, com duas bombas, varreu-se duas cidades do mapa.

Foi Günther Anders, primo de Benjamin,<sup>4</sup> quem levou adiante uma reflexão sobre a bomba atômica, a civilização tecnológica, e as “metamorfoses da alma” na segunda revolução industrial, em uma época na qual, segundo ele, “a crítica da técnica [...] se tornou uma questão de coragem civil”.<sup>5</sup> O que nos interessa aqui é uma tentativa de retraçar, a partir do impacto da Primeira Guerra Mundial no pensamento alemão e em suas formulações sobre a técnica, as origens do que Anders chamará de “discrepância prometeica”, algo que se torna uma espécie de problema organizador de todo seu pensamento, que ele chega a chamar de “filosofia da discrepância”. Essa discrepância, que no limite é a marca da obsolescência (da *Antiquiertheit*) do ser humano, é a defasagem da imaginação humana (e de tudo que gira em torno dela, como a capacidade de sentir, pensar, representar para si os efeitos das próprias ações etc., a ponto de

<sup>3</sup> BENJAMIN, W, “As armas do futuro” in *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2002. O tradutor se deu a liberdade de alterar o título original *Die Waffen von morgen* (As armas de amanhã).

<sup>4</sup> Anders conta sobre sua relação com Benjamin em entrevista (quando perguntado sobre sua estadia na França): “Benjamin não era para mim parte do círculo de Adorno, ele era antes meu primo [*Großvetter*]. Não posso dizer que tenhamos filosofado um com o outro em Paris. Pois em primeiro lugar nós éramos antifascistas, em segundo lugar, antifascistas e, em terceiro lugar, antifascistas – pode ser que, além disso, tenhamos filosofado. Vocês imaginam errado a emigração se acreditarem que nós tínhamos tempo para sentar e especular.” ANDERS, G. *Günther Anders antwortet: Interviews & Erklärungen*. Edition Tiamat, 1987, p.102.

<sup>5</sup> ANDERS, G. *Die Antiquiertheit des Menschen I*. München: Beck, 2002, p. 3.

Anders considerá-la como uma categoria moral e cognitiva fundamental) em relação àquilo que somos capazes de *fazer* e *produzir*. Antes da bomba, considerada por Anders um objeto “superliminar” (no fundo, uma espécie de teoria do sublime negativo), Benjamin lidava com esse problema no período entreguerras. Ao descrever o aparato militar europeu herdado pela Primeira Guerra Mundial, ele escreve por exemplo que “o aspecto problemático dessas exposições é que *a fantasia humana se recusa a acompanhá-las*, e justamente a monstruosidade do destino ameaçador se torna um pretexto para a inércia mental.”<sup>6</sup> Tal “inércia mental”, resultado de um defeito de imaginação provocado pela própria realidade tornada “monstruosa” (inimaginável), será objeto constante dos ensaios presentes nos dois volumes d’*A obsolescência do homem*, cujo título original era *O terror suave e outros estudos sobre o conformismo*. Na base de tal realidade “mental”, Benjamin enxerga igualmente essa “discrepância” objetiva, como ele diz claramente logo no início de seu artigo sobre Ernst Jünger, de 1930:

a realidade social não amadureceu o suficiente para transformar a técnica num órgão seu [...]. [A] guerra imperialista, no que tem de mais duro e de mais fatídico, é determinada pela *discrepância gritante* entre os gigantescos meios de que dispõe a técnica, por um lado, e um mínimo esclarecimento moral desses meios, por outro lado. De fato, atendendo à sua natureza econômica, a sociedade burguesa não pode fazer outra coisa que não seja separar o mais possível a esfera técnica da chamada esfera do espírito [...].<sup>7</sup>

Tendo em vista essa mesma “discrepância gritante” nas “Teses sobre a Era Atômica” de 1959, Anders sintetiza tal condição ao afirmar que nos tornamos “utopistas invertidos”, pois “enquanto utopistas são aqueles que não podem produzir o que imaginam, nós não conseguimos imaginar o que produzimos.”<sup>8</sup> Lembrando que, desde seus escritos de juventude, ser “utopista” é menos uma marca específica da “alma socialista” e mais uma espécie de condição humana básica<sup>9</sup>, de modo que esse tornar-se um “utopista invertido” deve ser compreendido do ponto de vista de uma *mudança antropológica* – de forma análoga (embora em outros termos), Pasolini fala, para explicar o conformismo

<sup>6</sup> BENJAMIN, W, “As armas do futuro” in *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2002, grifos meus.

<sup>7</sup> Idem. “Teorias do fascismo alemão” in *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 111 (grifos meus).

<sup>8</sup> ANDERS, G. *Die Antiquiertheit des Menschen I*. München: Beck, 2002, p. 96.

<sup>9</sup> Cf. DAVID, C. “De l’homme utopique à l’utopie négative: Notes sur la question de l’utopie dans l’oeuvre de Günther Anders”, *La Découverte* n. 45-46, 2006, p. 133-142.

no mundo do pós-guerra, de uma “revolução antropológica na Itália”.<sup>10</sup> A humanidade torna-se “antiquada” diante daquilo que ela mesma produziu em uma espécie de “desenvolvimento desigual e combinado” às avessas. Se aceitarmos o argumento de Paulo Arantes, segundo o qual o lastro histórico do ressurgimento moderno da dialética era um descompasso entre ideias avançadas e um “atraso” em termos de civilização material (não por acaso a dialética, em sua acepção moderna, é pensada primeiro na periférica Alemanha do século XIX, e não na Inglaterra ou na França<sup>11</sup>), é como se o diagnóstico de Anders apontasse fundamentalmente para a reversão desse processo, ou desse descompasso básico que outrora tinha dado em dialética. A humanidade torna-se “atrasada” em relação ao progresso material, que ela mesma não consegue acompanhar. A obra de Anders não deixa de ser uma descrição por extenso das consequências desse “desnível” (*Gefälle*).<sup>12</sup>

### O anti-humanismo na crise do progresso

Tal diagnóstico ganha sentido no interior do processo histórico que desencadeia o descolamento do progresso técnico em relação ao que, no idealismo alemão, era chamado de progresso moral da humanidade. Assim deve ser compreendida a conhecida frase de Adorno, de que “não há nenhuma história universal que conduza do selvagem à humanidade, mas há certamente uma que conduza da atiradeira até a bomba atômica”<sup>13</sup> (a referência balística parece ser aqui um decalque direto da antropologia do *lançamento* de Anders<sup>14</sup>). Entretanto, constatar que ocorre uma dissociação entre os “diversos progressos” é, no limite, uma afronta à noção moderna de progresso enquanto tal. Afinal, se

<sup>10</sup> PASOLINI, Pier Paolo. *Escritos corsários*. São Paulo: Ed. 34, 2020.

<sup>11</sup> Resumindo de forma um tanto esquemática um dos temas centrais de *Ressentimento da Dialética*.

<sup>12</sup> É curioso que Reinhart Koselleck, que certamente conhecia a obra de Benjamin e Anders, se refere a essa mesma “discrepância”, no entanto enxergando-a já no berço da modernidade, e não em sua fase “tardia” (a da “era das catástrofes”). Em uma espécie de diálogo velado (ele mesmo chega a mencionar a guerra química e a bomba atômica), diz ele que, no século XVII, “na medida em que nossa categoria [a de progresso] era carregada com sentido, descobria-se também a discrepância existente entre o progresso técnico-civilizatório e a postura moral do ser humano. Observava-se repetidamente que a moral está sempre atrasada em relação à técnica e ao desenvolvimento progressivo desta.” KOSELLECK, R. *Histórias de conceitos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021, p. 189. Continua ele: “Essa discrepância – que pertence manifestamente ao progresso desde os primórdios – perfaz a sua aporia: a de não conseguir se colocar à altura daquilo que ele mesmo elevou. Ou, em outras palavras, a de que a planificação do progresso nunca é capaz de seguir naquela direção em que o ‘progresso em si’ se realizaria independentemente das cabeças das pessoas envolvidas.” Idem, p. 190.

<sup>13</sup> ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 266.

<sup>14</sup> ANDERS, G. “Homo animal jacens”. In: *Cadernos de Tradução LELPrat*, V. 2, junho 2021.



acompanharmos a história dos conceitos de Koselleck, a noção de progresso que aparece no século XVIII surge como uma síntese dos “aperfeiçoamentos” e “melhoramentos” particulares diversos: “das histórias dos progressos individuais resulta o progresso da história”<sup>15</sup>. Quando, na Alemanha, Kant emprega pela primeira vez o termo *Fortschritt* – que já não era somente avanço (*Fortgang*), crescimento (*Wachstum*), aprimoramento (*Verbesserung*), ou aperfeiçoamento (*Vervollkommung*) – tratava-se de “uma palavra que, de forma sucinta e prática, reunia em si todas as interpretações do progresso originadas nos âmbitos científico, técnico, industrial e, por fim, também moral e social, e até mesmo no da história geral.”<sup>16</sup> Ou seja, quando falamos de progresso em sentido enfático (moderno, portanto), trata-se de um processo social geral que atravessa todos os âmbitos da vida humana, a ponto de ser algo que caracteriza o movimento da história como um todo. Porém, tal processo se restringe, no limite, àquilo que Hobsbawm chamou de “longo século XIX”, isto é, o período entre 1789 e 1914: uma época em que se “torna difícil legitimar-se a si próprio politicamente sem que se seja ao mesmo tempo progressista”.<sup>17</sup> A partir de 1914, quando uma catástrofe sem precedentes atinge o seio da civilização europeia, isso se altera, e as visões progressistas da história começam a rodar em falso.

Nesse instante histórico, diante da metralhadora e do gás, começam a se consolidar visões não progressistas da técnica, tanto do ponto de vista de seus críticos, quanto do ponto de vista de seus apoietas – como era o caso dos autores próximos da *konservative Revolution* na Alemanha, ou daquilo que Jeffrey Herf chamou de “modernismo reacionário”<sup>18</sup>, que inclui autores como Carl Schmitt, Oswald Spengler, Ernst Jünger, Werner Sombart, Hans Freyer; ou, se sairmos de um círculo mais restrito, mas ainda tendo em vista teóricos alemães conservadores que se debruçaram sobre a questão da técnica após a Grande Guerra, Martin Heidegger e Arnold Gehlen. Entretanto, ao invés de simplesmente refutar algumas dessas visões como “irracionalistas”, como por vezes acaba fazendo Herf em seu estudo, seria o caso de tentar compreender como essas concepções antiprogressistas da técnica, elaborada por autores que flertaram, anteciparam ou mesmo que aderiram ao fascismo, revelam uma verdade histórica – um sintoma social daquela “discrepância prometeica” da qual

---

<sup>15</sup> KOSELLECK, R. Op. cit., p. 183.

<sup>16</sup> Idem, p. 182.

<sup>17</sup> KOSELLECK, R. Histórias de conceitos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021, p. 184.

<sup>18</sup> HERF, J. *Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich*. New York: Cambridge University Press, 1984.

falará Anders. Para adiantar o que está em questão, quando nos referimos a essas visões antiprogressistas do progresso tecnológico, trata-se menos dos românticos dezenovistas críticos da civilização em geral e de seus descendentes intelectuais no século XX (tanto de esquerda quanto de direita), mas daqueles que, do ponto de vista dos “ideais”, são antimodernos e antiburgueses, ou seja, rejeitam o liberalismo, o iluminismo, a ideia de progresso social etc., e que são, por outro lado, entusiastas da técnica mais avançada. A expressão cultural e ideológica dessa mórbida conjunção histórica, em que os *progressos particulares, que formavam “o” progresso, de fato se dissociavam*, foi algo que Walter Benjamin não deixou escapar. Ela aparecia, por exemplo, no futurismo italiano. No fim do ensaio sobre *A obra de arte...*, ele cita o seguinte trecho de um manifesto de Marinetti sobre a guerra colonial na Etiópia:

Há vinte e sete anos, nós futuristas contestamos a afirmação de que a guerra é antiestética... Por isso, dizemos: ... a guerra é bela, porque graças às máscaras de gás, aos megafones assustadores, aos lança-chamas e aos tanques, funda a supremacia do homem sobre a máquina subjugada. A guerra é bela, porque inaugura a metalização onírica do corpo humano. A guerra é bela, porque enriquece um prado florido com as orquídeas de fogo das metralhadoras. A guerra é bela, porque conjuga numa sinfonia os tiros de fuzil, os canhoneios, as pausas entre duas batalhas, os perfumes e os odores de decomposição. A guerra é bela, porque cria novas arquiteturas, como a dos grandes tanques, dos esquadrões aéreos em formação geométrica, das espirais de fumaça pairando sobre aldeias incendiadas [...].<sup>19</sup>

O que Benjamin chamava naquele ensaio de “estetização da política”, que culminava no fascismo, no fundo não era tão diferente daquilo que Adorno enxergava como uma tendência geral civilizatória, a saber, uma total racionalização dos meios unida a uma cega irracionalidade quanto aos fins. Podemos, assim, definir a barbárie como *uma monstruosa tautologia*. É esse o sentido da afirmação de Benjamin, segundo a qual em Marinetti se encontra “a forma mais perfeita do *l’art pour l’art*”, que teria como fenômeno análogo, no limite, a técnica pela técnica e a guerra pela guerra, momento em que a “autoalienação [da humanidade] atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem.”<sup>20</sup> Essa afirmação vale igualmente para Ernst Jünger, em cujo volume *Guerra e guerreiros* aparecia

<sup>19</sup> Citado em BENJAMIN, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” em *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 195-196.

<sup>20</sup> BENJAMIN, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 196.

“uma desinibida extrapolação para temas militares da teoria do ‘*l’art pour l’art*’”.<sup>21</sup> De fato, em seu *Kampf als inneres Erlebnis* [Luta como vivência interior], Jünger fala de “*magníficos e impiedosos espetáculos*”, e que “somente poucos têm a oportunidade de mergulhar nessa sublime falta de propósito, tal como se mergulha em uma obra de arte, ou em um céu estrelado. Quem sentiu apenas a negação, apenas o próprio sofrimento e não a afirmação, o movimento superior nesta guerra, viveu a guerra como um escravo. Ele não teve uma experiência interior, mas somente uma experiência exterior da guerra.” Este não reconhece que “hoje estamos escrevendo poesia com aço”.<sup>22</sup>

Eram transformadas em *frisson* estético não somente a guerra e a destruição, em um louvor ao brilho frio de metais ardentes frente à frágil carne humana, mas também um dos princípios básicos da modernidade (ao mesmo tempo em que se negava toda “cultura humanista” a ela vinculada): a *aceleração*. E como bem analisa Koselleck<sup>23</sup>, a experiência da aceleração do tempo é vivida na prática como um movimento no espaço, como *velocidade*, portanto. A ela se vincula todo o imaginário dezenovista das locomotivas e das estradas de ferro<sup>24</sup>, não por acaso Benjamin dedicou a elas longos trechos de suas *Passagens*. Mas Marinetti não tinha em vista o movimento ritmado dos trens que inspirou todas as “filosofias-ônibus”<sup>25</sup> do século anterior, mas a imagem ruidosa e ofuscante produzida pela potente arrancada de um automóvel: “Noi affermiamo che la magnificenza del mondo si è arricchita di una bellezza nuova: la bellezza della velocità. [...] un automobile ruggente, che sembra correre sulla mitraglia, è più bello della *Vittoria di Samotracia*.” Na afirmação da superioridade estética e técnica de um carro diante de uma escultura grega, exprimia-se, contra a eternidade marmórea clássica, o sublime da destruição purificadora levada a cabo pela mais elevada criação humana, que não eram mais as velharias de museu, e sim as novas e potentes máquinas: “Noi vogliamo

<sup>21</sup> Idem. “Teorias do fascismo alemão”. In: *Obras escolhidas I-III*. São Paulo: Brasiliense, p. 63.

<sup>22</sup> JÜNGER, E. *Kampf als inneres Erlebnis*, p. 107-8 *apud* HERF, J. *Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich*. New York: Cambridge University Press, 1984, p. 77.

<sup>23</sup> KOSELLECK, R. “Existe uma aceleração da história?” In: *Estratos do tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

<sup>24</sup> “O relógio era capaz de medir a aceleração, mas não de simbolizá-la. Isso só se tornou possível com a ferrovia e seu aparato metafórico: Marx falou das revoluções como ‘locomotivas da história’; não, porém, como ‘relógios da história’.” *Ibidem*, p. 146.

<sup>25</sup> Tomando de empréstimo um termo de Paulo Arantes em sua referência às “Grandes Narrativas ... do tipo Positivismo, Evolucionismo, Vitalismo etc.”. ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.



distruggere i musei, le biblioteche, le accademie d'ognie specie, e combattere contro il moralismo, il femminismo e contro ogni viltà opportunistica o utilitaria.”<sup>26</sup>

O modernismo fascista apresentava uma forma bastante particular de “contracultura”. Afinal, nos termos de Adorno, os fascistas “atacam o espírito, que já se tornou insuportável em si mesmo, e com isso ainda se sentem purificadores e revolucionários. [...] ‘Quando ouço falar em cultura, destravo o meu revólver’, dizia o porta-voz da Câmara de Cultura do *Reich* de Hitler.”<sup>27</sup> Se a misoginia aparece claramente expressa nos manifestos de Marinetti, deve-se levar em conta como o ódio à mulher se vincula, aqui, à paixão pela máquina e pela destruição. Tal misoginia resultava menos de algo como um tradicionalismo conservador, e mais de uma misantropia ultramoderna. É como se o homem tecnológico, o condutor de máquinas, tivesse já superado a categoria antropológica de “homem”, ele mesmo sendo “pós-humano”; já a mulher, inadaptável ao mundo da guerra e da técnica, é o corpo não metálico, um resto do fraco humano não modernizado, portanto algo a ser desprezado: “Noi vogliamo glorificare la guerra – sola igiene del mondo – il militarismo, il patriottismo, il gesto distruttore dei libertari, le belle idee per cui si muore e il disprezzo della donna.”<sup>28</sup>

Apesar da loquacidade excessiva e chocante de um Marinetti, tal “anti-humanismo” (se pudermos resumir assim, já saindo do circuito restrito dos futuristas italianos) pouco se explica caso façamos apelo estritamente a um “irracionalismo fascista”, ou a um mero “déficit de humanismo político” (como aparecerá mais tarde, exatamente nesses termos, em *Die verspätete Nation* [A nação atrasada] de Helmuth Plessner, refletindo sobre a bestialidade alemã). É sempre útil lembrarmos a intuição de Adorno, segundo a qual a agitação ideológica fascista, diante da sociedade tal como ela é, precisa fazer um esforço relativamente pequeno para atingir o que ela visa: “Pode muito bem ser o segredo da propaganda fascista que ela simplesmente tome os homens pelo que eles são [...]. A propaganda fascista precisa apenas *reproduzir* a mentalidade existente para seus próprios propósitos – ela não precisa induzir uma mudança [...]” Portanto, só seria permitido falar em “irracionalismo” caso o compreendamos como “o produto de uma internalização dos aspectos

<sup>26</sup> MARINETTI, F. T. *Manifesti futuristi*. Milano: Rizzoli, 2013, p. 40-41.

<sup>27</sup> ADORNO, T. “Crítica cultural e sociedade” in *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998, p. 16.

<sup>28</sup> MARINETTI, Op. cit.

irracionais da sociedade moderna.”<sup>29</sup> Ou seja, tal grotesca tecnofilia, o fato de que essa sociedade tenha produzido indivíduos embasbacados ou simplesmente indiferentes em relação à monstruosa destrutividade produzida pelo avanço técnico não deve, portanto, espantar. De certo modo, há uma “misantropia” socialmente objetiva na civilização tecnológica oriunda do próprio desenvolvimento do capital, e sua subjetivação ocorre de diversos modos. Por exemplo, um deles passa por aquilo que Anders chamava de “vergonha prometeica” [*prometeische Scham*], sendo ela “*um novo degrau na história da reificação*”. Sintetizando, ela é a “vergonha de não ser uma coisa”<sup>30</sup>.

Faz parte da “dialética da técnica”<sup>31</sup> uma inversão da relação sujeito-objeto – também conhecida como fetichismo. Não por acaso, em um dos mais célebres documentos literários sobre o assunto que apareceu no berço da sociedade industrial, o romance *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* de Mary Shelley publicado em 1818, ocorre justamente essa “inversão”, tal como um feitiço: a passagem de um grande poder (do criador) para a impotência (diante da criatura monstruosa, autonomizada). O grande êxito do ser humano faz dele mesmo um grande fracasso. Ele se torna *apequenado*, sobretudo devido a seu corpo, que passa a participar daquela discrepância. Nos termos de Anders, o corpo do “construtor de foguetes não se diferencia em absolutamente nada do de um troglodita. Ele [o corpo] é morfologicamente constante; moralmente falando: não-livre, obstinado e teimoso; visto da perspectiva dos aparelhos [*Geräte*]: conservador, não progressivo, antiquado, não revisável, um peso morto na ascensão dos aparelhos. Em suma: *os sujeitos da liberdade e da não-liberdade são trocados. Livres são as coisas: não-livre é o homem.*”<sup>32</sup>

Conforme estamos vendo, há algo dessa misantropia objetiva que não se limita ao que Goebbels chamava de *stählerne Romantik* [*romantismo de aço*]. De fato, há uma particularidade ideológica alemã que é especialmente medonha. Pois, de modo geral, havia dois campos distintos relativamente clássicos: de um lado, os progressistas, defensores tanto da tecnologia e do esclarecimento; do outro, os que os rejeitavam, os conservadores. Tal divisão organizou sobretudo o século XIX. A questão é que a ascensão fascista ocorreu como uma espécie de síntese sinistra entre esses dois campos, como uma rejeição dos ideais

<sup>29</sup> ADORNO, T. “Teoria freudiana e os padrões da propaganda fascista” in *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Ed. Unesp, 2015, p. 184.

<sup>30</sup> ANDERS, G. *Die Antiquiertheit des Menschen I*. München: Beck, 2010, p. 30.

<sup>31</sup> Idem. *Die Antiquiertheit des Menschen II*. München: Beck, 2013, p. 126.

<sup>32</sup> Idem. *Die Antiquiertheit des Menschen I*. München: Beck, 2010, p. 33.

iluministas e como uma enérgica incorporação do avanço tecnológico. Emerge daí o “modernismo reacionário”, que, nos termos de Herf, é “a reconciliação entre as ideias antimodernistas, românticas e irracionais presentes no nacionalismo alemão e a mais óbvia manifestação da racionalidade orientada a fins [*means-ends rationality*], isto é, a tecnologia moderna.”<sup>33</sup> Entretanto, na visão de Herf, todo aquele pensamento alemão conservador do período de Weimar que se dedica a pensar a técnica (Jünger, Spengler, Schmitt, Freyer, Sombart etc), que é, no fundo, uma aberração ideológica, não passaria de uma *particularidade nacional*. Escreve ele:

A sociedade alemã permaneceu parcialmente – nunca “plenamente” – esclarecida. A análise de Horkheimer e Adorno ignorou este contexto nacional e generalizou as misérias da Alemanha para os dilemas da modernidade em si. Consequentemente, eles culpavam o Esclarecimento por aquilo que era realmente o resultado de sua fraqueza. Embora a tecnologia tenha exercido um fascínio em intelectuais fascistas de toda a Europa, foi somente na Alemanha que ela se tornou parte de uma identidade nacional. A tese da dialética do Esclarecimento obscurecia esta singularidade histórica.<sup>34</sup>

Abusando da noção de “irracionalismo”, Herf termina por rejeitar a visão dos primeiros frankfurtianos, segundo a qual há uma dialética imanente ao processo civilizatório – embora tal tese esteja já presente em Marx, pois, como ele afirma (antecipando toda a *Dialética do Esclarecimento*), refletindo sobre as *workhouses*: “A barbárie ressurgiu, mas desta vez é engendrada no próprio âmbito da civilização e dela é parte integrante. É a barbárie leprosa, a barbárie como lepra da civilização.”<sup>35</sup> O preço de tal rejeição por Herf foi encampar uma visão “dualista” (como dizia Francisco de Oliveira a respeito da CEPAL e dos teóricos do subdesenvolvimento), enxergando o fascismo e suas manifestações ideológicas como sintoma do “atraso”. Ou seja, o “modernismo reacionário” seria para ele resultado não do próprio Esclarecimento, mas de seu *déficit* na Alemanha (no limite, esse é o cerne da leitura de Plessner, Habermas e do consenso liberal alemão do pós-guerra). Claro que para isso ele precisa ignorar Hiroshima, a não ser que vejamos também no Projeto Manhattan um “iluminismo parcial”, não completo. Afinal, não foi necessário para os americanos uma

<sup>33</sup> HERF, J. *Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich*. New York: Cambridge University Press, 1984, p. 1.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 10

<sup>35</sup> MARX, K. “Arbeitslohn” (1847), apud LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 101.

excentricidade ideológica qualquer, pois os Estados Unidos já haviam se tornado o lugar natural do positivismo moderno e estavam imunes a Nietzsche, à *Lebensphilosophie* e outras irracionalidades de país atrasado.

O que estamos tratando aqui não se restringe, portanto, ao fascismo como interregno no curso normal das coisas, isto é, a um momento particular em que progresso técnico se vincula de forma gritante à regressão social, de modo que, após esse parêntese de trevas na história da civilização, a normalidade histórica teria retomado seu curso. Nem é necessário lembrar que, após o combate entre luzes e trevas que representou a Segunda Guerra Mundial, foram aqueles que “derrotaram” o fascismo, isto é, os aliados, que deram a largada para o que ficou conhecido como Era Atômica (que ainda é a nossa, apesar do recalque promovido pela “paz” pós-Guerra Fria), e todo o progresso a ela vinculado, a começar pelos foguetes intercontinentais, as viagens espaciais etc. O anti-humanismo objetivo (ou a “autoalienação da humanidade”, nos termos de Benjamin) prescinde das exaltações estéticas de um Marinetti. Cito por extenso o trecho do primeiro livro de Robert Jungk (*O futuro já começou*), em que ele descreve alguns dos experimentos levados a cabo pela força aeronáutica americana, em consonância com o argumento do “ficar para trás” dos seres humanos:

Todos os dias, desde 1 de janeiro até 31 de dezembro, dezenas de rapazes americanos são sacudidos, batidos, desancados, escaldados, refrigerados, meio asfixiados, espremidos como limões. Na Califórnia, nas montanhas de Santa Susana, prendem-nos a estreitos carrinhos e projetam-nos verticalmente nos ares; no deserto de Mojave, lançam-nos numa “draisine” ultra-rápida que se desloca em rails horizontais: em Johnsville (Pensilvânia) deixam-nos num balanceiro até desmaiarem. Em Ann Harbor (Michigan), por meio de um ditafone de novo gênero, provocam artificialmente perturbações sensoriais, até a perda da fala. Em Princeton (New Jersey), submetidas aos ultra-sons, os cobaias perdem o sentido do equilíbrio. Outras afrontam as fornalhas de Eglin Air Force Base (Flórida), as câmaras frigoríficas de Wright Peterson Field, perto de Dayton (Ohio), saltam de doze mil metros de altura por cima da Holloman Air Force Base (Novo México); fechadas em cabinas, caem em queda livre, no fundo das grutas de Carlsbad, situadas na proximidade. Em Santo Antônio (Texas) fecham-se as amostras humanas em caixões herméticos onde se submetem a pressões correspondentes a altitudes fictícias de dez, quinze ou vinte mil metros; o sangue começa a ferver e o azoto do organismo forma borbulhas na superfície do corpo. Por que se deixam torturar assim? Nenhum tirano os condenou ao suplício; nenhum regime decidiu arrancar-

lhes confissões à força, e, contudo, suportam tormentos piores que os imaginados pelo mais sádico dos carrascos. [...] Nunca desde que o mundo é mundo a criatura humana foi submetida a experiências tão sistemáticas, tão friamente realizadas como nos laboratórios médico-fisiológicos da aviação americana. A carne humana é reduzida à categoria de matéria inerte, dissecam-na, examinam-na com rigor e indiferença, como se tratasse de fibras têxteis ou de uma nova liga de metal. Que pressão máxima suportam os pulmões? Qual é a intensidade máxima do choque à qual resiste o esqueleto? Qual é a rapidez de reação da retina? Em que momento o medo anula as faculdades morais e intelectuais? Nada disto deve ser deixado ao acaso. Imaginou-se mesmo uma nova medida padrão: dolor, para medir a intensidade de sofrimento. Estabelece-se a equação da morte pelo frio, determina-se, cronometricamente, a distância que separa o consciente do inconsciente. [...] A grande tarefa a que se dedicam as câmaras de tortura científicas é a seguinte: como dotar o homem de meios que lhe permitam acompanhar o desenvolvimento de máquinas sempre novas, sempre mais rápidas, cujo raio de ação se alarga constantemente? [...] Tal como me dizia, num tom de desprezo, o engenheiro-chefe duma importante fábrica de construções aeronáuticas da Califórnia, o homem será sempre um “freio ao progresso”. Um instrutor da US Air Force, durante uma conferência na célebre escola de Air Randolph Field, formulava assim o seu pensamento: “Considerado sob o ângulo da técnica aeronáutica futura, o homem atual é um fracasso.” E 80 aspirantes-aviadores anotavam, docilmente, simplificando ainda a simplificação do conferente: “O homem um fracasso!”<sup>36</sup>

### **A revolução conservadora e a técnica**

Se Ernst Jünger chamou a atenção de Walter Benjamin, foi porque, para além de um mero exotismo literário, havia uma verdade histórica apreendida pelos conservadores, que por sua vez a exprimiam como uma cínica apologia. Vale dizer que tanto os marxistas “oficiais” (dos soviéticos aos social-democratas) quanto os liberais continuaram sustentando uma visão por assim dizer “neutra” da técnica, que por sua vez coincide com a concepção progressista de história. Ainda hoje, e talvez até o fim dos tempos, muitos marxistas permanecem reticentes em extrair consequências de uma crítica da técnica, muitas vezes pelo simples fato de confundirem tal crítica com uma espécie de elogio do feudalismo e dos vínculos agrários. Mesmo alguém do porte intelectual de Franz Neumann chegou a acreditar que era uma contradição insustentável a união entre o “caráter mágico” da propaganda hitlerista e a

<sup>36</sup> JUNGK, R. *O futuro já começou*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.



racionalidade industrial, a ponto de ele pensar (tamanho a crença na ciência e na técnica) que os engenheiros alemães seriam os primeiros a reconhecer a irracionalidade da ideologia nazi e que eles provocariam “a mais grave quebra no regime”, pois a prática deles representaria a “mais racional das vocações”.<sup>37</sup> O que ocorreu foi o contrário. Herf dedica todo um capítulo a mostrar como os engenheiros no Terceiro Reich, para além de sua colaboração estritamente técnica, constituíram ativamente um importante pilar intelectual do “modernismo reacionário”.

De forma não tão distante de um Marinetti, Max Eyth, um engenheiro alemão com veleidades poéticas, defende em seu *Lebendige Kräfte* [Forças vivas] de 1904 que havia mais “*Geist*” em uma locomotiva ou em um motor elétrico que nas mais elegantes frases de Cícero ou Virgílio. Ou seja, tratava-se não só de conciliar *Technik* e *Kultur* (a partir de 1906, serão publicados diversos artigos e livros com esse mesmo título: *Technik und Kultur*), mas também de afirmar que a técnica era não tanto uma coisa burocrática, desalmada e fria, e sim que ela era mais “cultural” que a própria cultura.<sup>38</sup> Isto é, tratava-se de remover da *Kultur* alemã e do romantismo dezenovista todo o aspecto de resistência ao progresso material, mantendo a oposição à *Zivilisation* burguesa e estrangeira, o que resultava em uma apoteótica reconciliação entre técnica, cultura e natureza (afinal, o Terceiro Reich foi o primeiro “capitalismo verde” do século XX, unindo desenvolvimento econômico e políticas de preservação ambiental<sup>39</sup>). Alguns engenheiros intelectualizados chegavam mesmo a elaborar uma reconciliação entre a tecnologia moderna e o Idealismo Alemão, como aparece no título *Technik und Idealismus* de 1920, enquanto outros evocavam Schopenhauer, Nietzsche e a metafísica da Vontade – diversas publicações dessa ordem aparecerão posteriormente na *Deutsche Technik*, revista editada pelos nacional-socialistas a partir de 1934.

É evidente que, na concepção progressista de técnica, tais considerações são irrelevantes, afinal os meios são neutros, portanto, nem valeria a pena considerá-los enquanto tal, o que importa são os *fins*. Isto é, tal como uma faca, que pode ser utilizada para cortar um queijo mas também a

<sup>37</sup> Cf. NEUMANN, Franz. *Behemoth*, p. 471-2; HERF, J. *Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich*. New York: Cambridge University Press, 1984, p. 16.

<sup>38</sup> HERF, J. *Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich*. New York: Cambridge University Press, 1984, p. 159.

<sup>39</sup> Cf. VITTE, A. C. A preservação da paisagem e a conservação da natureza no III Reich. *CONFINS*. Paris, v. 32, p. 1-14, 2017.

garganta de um ser humano, também a técnica mais complexa (como o napalm ou a bomba atômica) é vista como um meio que pode ser analiticamente separado de seus fins. A persistência dessa concepção ideológica persiste por exemplo, para citar um caso mais recente, quando Jean-Baptiste Vilmer, filósofo, jurista e professor de ética e direito da guerra da Sciences Po de Paris, reagindo ao livro *Teoria do Drone* de Grégoire Chamayou, insiste na neutralidade do drone, que seria “simplesmente um meio militar, o qual pode ser posto a serviço de fins diversos, dos mais legítimos aos mais bárbaros”<sup>40</sup> – o caráter esdrúxulo de tal afirmação salta aos olhos. O livro de Chamayou, exemplar do que seria uma teoria crítica da técnica bem realizada, é, no entanto, uma análise *dos meios*. Como ele mesmo diz:

O método mais defeituoso possível [...] seria abordar a guerra, os fenômenos da violência armada, pelos fins perseguidos e não pelo caráter dos meios empregados. [...] O método materialista consiste em examinar qualquer fato humano levando em conta muito menos os fins perseguidos que as consequências necessariamente implicadas pelo próprio jogo dos meios empregados.<sup>41</sup>

Não deve espantar portanto que as longas reflexões de Anders sobre a bomba atômica não incluam uma explícita análise geopolítica da guerra fria, e muito raramente ele cita personagens como os russos ou os americanos. Algo que divergia mesmo do senso comum geral da esquerda do pós-guerra, que não via o problema da existência em si da bomba, mas somente queriam saber se elas estavam nas mãos certas ou não. Tendo em vista o fim já contido no meio, tratava-se de constatar que *não existem “mãos certas” para a bomba atômica*. Além disto, o olho materialista desconfia igualmente das abordagens por assim dizer “propositivas”, em que são forjados termos como “tecnodiversidade”,<sup>42</sup> “cosmotécnica” etc., os quais, além de resvalarem na apologia indireta, falham em explicar a realidade social e permanecem *abstratas* (no sentido hegeliano),

<sup>40</sup> VILMER, J.-B. J. *Idéologie du drone*. <http://www.laviedesidees.fr/Ideologie-du-drone.html#nb4> [acessado em 12/12/2021].

<sup>41</sup> CHAMAYOU, G. *Teoria do drone*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 23

<sup>42</sup> O filósofo chinês Yuk Hui, traduzido recentemente no Brasil, diz que “é necessário inventar um paradigma que nos permita sair desta totalidade do ‘sistema’ e propõe “abordar a técnica a partir da ideia de ‘fragmentação’” para positivamente alcançar, assim, a “localidade” e a particularidade da “cosmotécnica”. A culpa, portanto, é sempre dos sistemas filosóficos e das metafísicas que nos oprimem, cabe então produzir uma nova “ontologia” da técnica, superar o binarismo ocidental humano x animal, entre outras receitas desconstrutivas. Cf: “A tecnodiversidade implica em pensar divergências no seio do desenvolvimento tecnológico”. Entrevista com Yuk Hui. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602272-a-tecnodiversidade-implica-pensar-divergencias-no-seio-do-desenvolvimento-tecnologico-entrevista-com-yuk-hui> [acessado em 05/12/2021].

ou seja, retiradas de seu nexos com a totalidade. Tais concepções, ainda inocentemente progressistas apesar do verniz “decolonial” e do consolo da contingência local, permanecem aquém mesmo de um pensador reacionário como Jünger, para quem as “visões de mundo”, totalizantes ou não, são impotentes diante da materialidade do objeto técnico: “As sensações do coração e os sistemas do espírito são refutáveis, já um objeto é irrefutável – e um tal objeto é a metralhadora.”<sup>43</sup> As concepções progressistas precisam recalcar parte da realidade, como que a guardando em um “armário de venenos”:

O terrível desenvolvimento [*Steigerung*] dos meios despertou uma confiança ingênua que se esforça em desviar seus olhos dos fatos como das imagens de um sonho pavoroso. A raiz desta confiança está na crença de que a tecnologia é um instrumento de progresso, ou seja, de uma ordem mundial racional e moral. A isto se vincula a opinião de que existem meios tão destrutivos, que a mente humana os tranca como em armários de venenos.<sup>44</sup>

A partir de sua experiência pessoal na guerra, Jünger reconhecia que a técnica moderna era portadora de um aspecto *infernus* no seio da civilização moderna. “Seu pessimismo perverso e extasiante o fez rejeitar a noção de técnica como uma parte integral do progresso histórico.”<sup>45</sup> Seu texto *Die totale Mobilmachung* [A mobilização total] integra o volume, que ele mesmo organiza, intitulado *Krieg und Krieger* [Guerra e guerreiros], comentado por Benjamin em “Teorias do fascismo alemão”. Ao mesmo tempo em que Benjamin combatia o progressismo da social-democracia alemã, não havia como ele deixar de reconhecer que Jünger (no limite, seu inimigo político) estava mais próximo da verdade quando afirmava que “hoje certamente pode-se demonstrar, com boas razões, que o progresso não é *progresso*” – ainda nos termos de Jünger, o progresso era uma “ilusão ótica”. Sobre a Primeira Guerra Mundial, diz ele que “talvez o caráter desta grande catástrofe seja melhor indicado pela afirmação de que nela o gênio da guerra foi penetrado [*durchdrang*] pelo espírito do progresso.”<sup>46</sup> Imiscuindo descrição empírica e apologia entusiasta, a “mobilização total” era um encaminhamento maximizado de *energia*, no qual irmanavam-se guerra e trabalho, de modo que não há “nenhum átomo que não

<sup>43</sup> JÜNGER, E. *Der Arbeiter*. Stuttgart: Ernst Klett Verlag, 1932, p. 116-7.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 201-202.

<sup>45</sup> ORR, J. *German social theory and the hidden face of technology*. *European Journal of Sociology*, December, 1974.

<sup>46</sup> JÜNGER, E. *Die totale Mobilmachung*. In: *Krieg und Krieger*. Berlin: Verlag Junker und Dönhaupt, 1930, p. 559.

esteja trabalhando” [*kein Atom, das nicht in Arbeit ist*].<sup>47</sup> Segundo ele, a guerra havia se tornado um “gigantesco processo de trabalho”, no qual a vida era cada vez mais convertida em energia. Em seu *Der Arbeiter*, o trabalhador moderno é a figura, já em si belicizada, do soldado – e vice-versa: o soldado é o trabalhador por excelência, cuja “*Gestalt*” era a superação do indivíduo burguês. Eis a guerra moderna: “após as guerras dos cavaleiros, dos reis e cidadãos, seguem as guerras dos *trabalhadores*”.<sup>48</sup> Se no berço do capitalismo os primeiros trabalhadores assalariados aparecem como soldados, agora tal princípio se generaliza – ele se torna *total*.

Apesar da mistificação da realidade por meio do deleite estético (a obra de Jünger está encharcada de cinismo nihilista, em frases como “é um dos mais elevados e cruéis prazeres de nossa época tomar parte nesse trabalho de explosão [*Sprengarbeit*]”<sup>49</sup>), havia algo de suas visões infernais e apocalípticas que eram muito pouco ficcionais e fantasiosas. Como aponta John Orr, é importante ressaltar “outro evento histórico de grande importância que o impressionou quase tanto como sua experiência de combate. [Trata-se do] processo de industrialização forçada na Rússia com os planos quinquenais.”<sup>50</sup> Embora veementemente antimarxista, ele admirava “a ênfase ideológica no trabalho na Rússia soviética como intrínseca à criação das vítimas sacrificiais da industrialização”.<sup>51</sup> Lembrando que, em Jünger, o trabalho tem um sentido cosmológico: os homens trabalham assim como o sol trabalha em sua produção de calor e luz. Em geral, a noção de trabalho desempenha um papel importante para esses intelectuais conservadores, que por isso mesmo eram também

---

<sup>47</sup> Ibidem, p. 564.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> JÜNGER, E. *Der Arbeiter*. Stuttgart: Ernst Klett Verlag, 1932, p. 48.

<sup>50</sup> ORR, J. Op. cit., p. 318.

<sup>51</sup> ORR, J. *German social theory and the hidden face of technology*. European Journal of Sociology. December, 1974. Antes que seja feita uma analogia simplória entre fascismo e o comunismo real, tal como proposta por ideólogos liberais, devemos lembrar que, caso uma comparação entre a Rússia e a Alemanha deva ser feita, ela deve levar em conta o mesmo princípio social que atravessa a história da modernidade capitalista e o papel da força disciplinar e da violência extraeconômica tanto na acumulação primitiva quanto no processo de modernização retardatária e de mobilização do trabalho – uma mobilização certamente “total”, para usar o termo de Jünger. Robert Kurz explica “a violência especial da modernização burguesa soviética” nos seguintes termos: “Se sob o regime stalinista foi estabelecida temporariamente a bagatela de uma pena de morte por simples atrasos, para forçar o adestramento das massas agrárias da Rússia, que não estavam acostumadas às necessidades da disciplina fabril, isso constitui não apenas uma continuação direta da ‘militarização da economia’ de Trotski, do período da guerra civil, como também um reflexo do processo violento de modernização de uma *acumulação primitiva* de capital, tal como Marx já a descrevera, com qualidades bem semelhantes, para a Inglaterra da industrialização”. KURZ, R. *Der Knall der Moderne. Innovation durch Feuerwaffen, Expansion durch Krieg: Ein Blick in die Urgeschichte der abstrakten Arbeit*. *Jungle World*, 09/01/2002., p. 58-9.

intelectuais anti-intelectualistas.<sup>52</sup> Tal apologia do trabalho e da técnica funcionava como uma revolta do “concreto” (ao *sangue e solo* unia-se agora o aço) contra os “homens abstratos” (judeus, marxistas, intelectuais, mas também banqueiros etc.): “In the country of romantic counterrevolution against the Enlightenment, they succeeded in incorporating technology *into* the symbolism and language of *Kultur* – community, blood, will, self, form, productivity, and finally race – by taking it *out of* the realm of *Zivilisation* – reason, intellect, internationalism, materialism, and finance.”<sup>53</sup> Também em Heidegger há uma mística do trabalho concreto, a ponto de ele encorajar os próprios alunos a participarem dos campos de trabalho voluntário montados pelos nazistas para organizar “toda a existência de uma maneira mais simples, dura e ascética do que dos outros colegas.”<sup>54</sup> Se Heidegger preferia a autêntica rusticidade da província contra a urbanidade degenerada e filistina dos “literatos do asfalto”, o reacionarismo de Jünger nada tinha de agrário. Pelo contrário, ele era um entusiasta da metrópole (como aparece em seu texto *Großstadt und Land* de 1926). Jünger não era nostálgico do século XIX, antes o oposto: este havia sido o século burguês por excelência. Para ele, o século XIX havia buscado o conforto e a segurança, e evitado a dor; já o século XX prometia ser heroico: o século da guerra e do trabalho.

Essa “mudança de paradigmas” na passagem do século XIX para o XX é decisiva, e Benjamin, com seu agudo senso histórico, estava atento a isso. Se o século anterior havia sido o século do progressismo, “é esse o ponto em que o positivismo fracassa, porque, na evolução da técnica, só foi capaz de reconhecer os progressos da técnica, não os retrocessos da sociedade.” Tanto os positivistas quanto os social-democratas (e no fundo ele queria dizer também: os marxistas) “ignoraram o lado destrutivo desses desenvolvimentos porque se *tinham alheado do lado destrutivo da dialética.*”<sup>55</sup>

Era preciso um prognóstico que não foi feito, e isso marcou um processo que haveria de se revelar como um dos mais característicos do século passado: a desastrosa recepção da

<sup>52</sup> Isso é afirmado também por Adorno em *Jargon der Eigentlichkeit*.

<sup>53</sup> HERF, J. *Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich*. New York: Cambridge University Press, 1984, p. 16. Sobre a revolta nacional-socialista contra o abstrato e seu vínculo com o antissemitismo, ver o clássico ensaio de Moishe Postone, “Nacional-socialismo e antissemitismo”.

<sup>54</sup> HEIDEGGER, M. “Der Ruf zum Arbeitsdienst”, *Freiberger Studentenzeitung*, 23 de janeiro de 1934 apud ORR, J. German social theory and the hidden face of technology. *European Journal of Sociology*. December, 1974, p. 321.

<sup>55</sup> BENJAMIN, W. “Eduard Fuchs: colecionador e historiador”. In: *O anjo da história*. São Paulo: Autêntica, 2012, p. 135. (Grifos meus).



técnica. Esse desastre consistiu numa série de ensaios entusiásticos e sempre renovados que, sem exceção, tentaram passar por cima do fato de a técnica só servir a essa sociedade para a produção de mercadorias.<sup>56</sup>

Dos “saint-simonistas, com a sua poesia industrial” àqueles que viam “na locomotiva a salvação do futuro”, a técnica estava vinculada a uma concepção apoteótica da história, cujo andar da carruagem deveria ser afirmado e seguido. Pode muito bem ser verdade que tais visões eram próprias daqueles que viam as coisas a partir de cima, longe do subsolo dos moinhos satânicos da sociedade industrial:

E podemos perguntar-nos a esse propósito se o “aconchego” (*Gemütlichkeit*) do século, tão do agrado da burguesia, não provém da obscura sensação de bem-estar por nunca ter de passar pela experiência de ver como as forças de produção tiveram de se desenvolver com o trabalho das suas mãos. Essa experiência estaria, de fato, reservada ao século seguinte [...]. As energias que a técnica desenvolve para lá desse limiar são destruidoras. Fomentam em primeiro lugar as técnicas da guerra e da sua preparação propagandística. Dessa evolução, com a sua total determinação de classe, pode dizer-se que ela se realizou nas costas do século passado, que não tinha ainda consciência das energias destruidoras da técnica.<sup>57</sup>

Em suma: *o século da burguesia pariu o século da catástrofe*, tal como se o século XX fosse o século XIX que tomou consciência de si mesmo. O desprezo pelo século XIX aparece de forma bastante enfática também em Oswald Spengler – após a publicação de sua gigantesca história das civilizações, *O declínio do ocidente*, ele escreve um pequeno livro intitulado *Der Mensch und die Technik* [O homem e a técnica], que deveria ser uma espécie de resumo da obra anterior, e que serviria para desfazer certos mal-entendidos, como a ideia de que ele se oporia à técnica moderna. Spengler possui na verdade uma concepção biológica de técnica, visto que ela é algo que mesmo os animais possuem e que se vincula ao movimento no espaço e a tudo aquilo que é *animado*. “Somente a partir da *alma* pode ser compreendido o significado da técnica.”<sup>58</sup> A técnica é, para ele, “tática da vida”: “*A técnica é a tática da vida toda [Taktik des ganzen Lebens]*. Ela é a forma interior do processo na luta, que

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Idem, p. 136. (tradução alterada).

<sup>58</sup> SPENGLER, O. *Der Mensch und die Technik*. Beitrag zu einer Philosophie des Lebens. München: Beck, 1931, p. 6.

é sinônimo da própria vida.” Sua concepção de vida como “luta”, da qual derivam a técnica e as armas, vinha diretamente de Nietzsche: “Essa luta é a vida, e uma luta no sentido de Nietzsche, uma luta da vontade de poder, cruel, implacável, uma luta sem piedade.”<sup>59</sup> A técnica, diversamente do que pensavam os humanistas da *Goethezeit* e seus herdeiros, é inerente à cultura. Ela está muito mais próxima da *wahre Kultur* que “os estetas das metrópoles contemporâneas, que julgam mais importante a produção de um romance que a construção de um motor de avião”<sup>60</sup>.

Spengler olhava com desprezo para as projeções utópicas e progressistas do século XIX que, “com toda a falta de imaginação”, projetavam tempos de paz em livros como “Visão do ano 2000” de Edward Bellamy e “A mulher e o socialismo” de August Bebel. A modernidade burguesa, cujo declínio Spengler testemunhava, havia sido *a era dos ideais*; mas, como ele diz: “*Ideale sind Feigheiten*” (*ideais são covardias*).<sup>61</sup> As catástrofes do século XX destruíram de uma vez por todos os tais “ideais”, dos quais agora a humanidade se via livre: “O século 20 finalmente se tornou maduro (...). No lugar do ‘assim deve ser’ ou ‘assim deveria ser’ entra o inexorável: assim é e assim será. Um ceticismo orgulhoso põe de lado os sentimentalismos do século anterior. Aprendemos que a história é algo que não leva em conta nem um pouco nossas expectativas.”<sup>62</sup> Mudando de sinal, essa afirmação não deixa de coincidir com o diagnóstico de Adorno a respeito da ideologia após o colapso da civilização burguesa, que já não possui nenhuma norma ou “ideal” ao qual ela possa ser contraposta, sendo sua justificação um mero: *so ist es* – assim é.<sup>63</sup> E então se pode dar o nome correto àquele “ceticismo orgulhoso”: *cinismo*.

### Da pólvora à bomba atômica

Um comentário bastante breve deve ser feito sobre a *pólvora*. Quando ela foi desenvolvida na Europa do século XIV, os chineses já a conheciam, mas somente os cristãos tiveram a ideia de colocá-la, junto com um projétil, em um

---

<sup>59</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 2

<sup>61</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> Ver aforismo “O erro de Juvenal” em ADORNO, T. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

tubo de ferro.<sup>64</sup> Como apontam alguns historiadores, a pólvora e a *revolução militar* que ela possibilitou foram a verdadeira porta de entrada para a modernidade capitalista – basta pensar que, sem armas de fogo, a expansão colonial não teria sido possível.<sup>65</sup> Algo disso não passou despercebido a Engels. Como se sabe, na concepção clássica, o desenvolvimento das forças produtivas possuem um caráter disruptivo e, em sua contradição com as relações de produção, produzem um efeito destrutivo, que, por sua vez, possui potencial liberador e de transformação das relações sociais. Se nos perguntarmos, *mas isso vale igualmente para as forças destrutivas?* Ora, como no limite forças produtivas e destrutivas são a mesma coisa, seríamos, a princípio, obrigados a dizer que sim. Em seu *Anti-Dühring*, Engels nota corretamente o teor social e político da técnica militar, e identifica a pólvora à burguesia ascendente. Como bom “socialista científico”, avesso aos “utópicos” que queriam se desviar do curso necessário das coisas, ele viu aí a inevitável combustão do motor da história dissolvendo as relações sociais pré-capitalistas, ao mesmo tempo em que ela apontava para um horizonte revolucionário:

[...] a introdução da pólvora e das armas de fogo de modo algum constituiu um ato de força, mas um ato industrial, ou seja, um progresso econômico. Indústria é indústria, quer ela esteja direcionada para a produção ou para a destruição de objetos. E a introdução das armas de fogo atuou revolucionariamente não só sobre a própria condução da guerra, mas também sobre as relações políticas de dominação e servidão. A aquisição de pólvora e armas de fogo requeria indústria e dinheiro, e os burgueses citadinos possuíam ambos. Por conseguinte, as armas de fogo foram, desde o começo, armas das cidades e da monarquia em ascensão, que tinha nas cidades seu ponto de apoio contra a nobreza feudal. Os muros de pedra dos castelos da nobreza anteriormente inexpugnáveis sucumbiram aos canhões dos burgueses, as balas dos mosquetes burgueses furaram as armaduras cavalheirescas.<sup>66</sup>

<sup>64</sup> É curioso o comentário que Spengler faz sobre esse fato, diferenciando a cultura chinesa da “técnica faustiana” ocidental, que une “o conhecimento e a exploração”: “A cultura chinesa chegou também a fazer a quase totalidade das invenções ocidentais: a bússola, a luneta, a imprensa, a pólvora, o papel, a porcelana. Mas o chinês obtém as coisas, bajulando a natureza, sem violentá-la. Percebe muito bem as vantagens que lhe traz a Ciência e aproveita-se delas. Mas nunca se atira sobre ela, a fim de explorá-la.” SPENGLER, O. *O Declínio do Ocidente*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p. 436.

<sup>65</sup> Cf. PARKER, G. *The Military Revolution: Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800*. Cambridge University Press, 1996; e KURZ, R. “Der Knall der Moderne. Innovation durch Feuerwaffen, Expansion durch Krieg: Ein Blick in die Urgeschichte der abstrakten Arbeit.” *Jungle World*, 09/01/2002. (Tradução disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz94.htm> ).

<sup>66</sup> ENGELS, F. *Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring*. São Paulo: Boitempo, 2012.

As armas de fogo aceleraram a circulação de dinheiro, também porque elas eram *custosas*. Se as armas pré-modernas eram produzidas quase que domesticamente ou por qualquer ferreiro de aldeia, de modo descentralizado portanto, isso já não valia para os canhões e mosquetes, que deram início a uma verdadeira indústria. Inicia-se aí também uma *autonomização do campo militar*. Como explica Robert Kurz:

O aparelho militar começou a destacar-se da organização burguesa e civil da sociedade. O mestre da guerra transformou-se numa categoria profissional especializada e o exército tornou-se uma instituição permanente que começou a vergar o restante da sociedade ao seu domínio. [...] Deste modo, os recursos da sociedade foram desviados para fins militares numa medida sem precedentes. [...] O novo complexo armamentista e militar desenvolveu-se velozmente num monstro insaciável que consumia meios horrendos e ao qual foram sacrificadas as melhores potencialidades sociais.<sup>67</sup>

Visto retrospectivamente, respeitando a *Nachträglichkeit* da coruja de Minerva – mas já tendo em vista o anjo da história de Benjamin que, com os olhos arregalados, *olha para trás* e vê uma “catástrofe única, que acumula ruína sobre ruína”<sup>68</sup> – podemos ver hoje o tamanho do equívoco em ter visto, na invenção das armas de fogo em particular ou na ascensão da burguesia em geral, uma “etapa” necessária ou parte de um movimento ascensional. Hegelianamente falando, poderíamos crer que, apesar de tais tropeços catastróficos (ou antes, *por meio deles*), a “astúcia da razão”, guiando o curso das coisas, nos ajudaria a dar a volta por cima. Aliás, não deixa de ser curioso o fato de que, em Hegel, aquela astúcia possuía algo de técnico, pois, já em um de seus escritos de Jena “o conceito de astúcia é fixado pela primeira vez nas elaborações sobre a racionalidade objetivada na ferramenta”.<sup>69</sup> Entretanto, é provável que no lugar da “astúcia da razão” exista antes um delinquente irracional, um “sujeito automático” (Marx) cego e sem propósito. Essa é a avaliação de Adorno sobre a filosofia hegeliana da história que, caso nela o século XX devesse ser incluído, teria “as bombas-robô de Hitler [...] entre os fatos empíricos selecionados nos quais se exprime imediata e simbolicamente o

---

<sup>67</sup> KURZ, Robert. *Der Knall der Moderne*, op. cit.

<sup>68</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da História*, p. 226.

<sup>69</sup> CAUX, L. P. de Hegel e o problema da técnica. In: *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v.29, n.48, p.83-114, jan.-jun.202, 1p. 84.

estado atingido pelo espírito do mundo”. Em um processo desprovido de subjetividade, os autômatos da morte “aliam a mais avançada perfeição técnica à cegueira total [...] – ‘Eu vi espírito do mundo’, não a cavalo, mas sobre asas e sem cabeça, e isto é ao mesmo tempo uma refutação da filosofia da história de Hegel.”<sup>70</sup>

Quando o espírito do mundo é visto “sobre asas e sem cabeça”, não se trata de negar a existência de algo como uma *lógica do desenvolvimento* no seio do processo histórico, e enxergar no curso catastrófico das coisas uma simples predominância do caos, da contingência e da descontinuidade. A crítica do progresso (pelo menos aquela com a qual estamos lidando aqui) implica uma compreensão da história como síntese contraditória entre catástrofe e progresso, de tal modo que *um contém o outro*. O que isto significa? Como explica Adorno em uma aula: “Não se deve ceder à alternativa: a história é continuidade ou ela é descontinuidade, mas dever-se-ia dizer: *na* descontinuidade, naquilo que uma vez chamei de permanência da catástrofe, é justamente aí que a história é tremendamente contínua.”<sup>71</sup>

Portanto, *há* um “progresso”, um desenvolvimento. “Da atiradeira à bomba atômica”, diria Adorno – mas talvez ganhemos em determinidade histórica se o pensarmos “da pólvora à bomba atômica”. Tendo em vista que no cerne do desenvolvimento técnico na modernidade capitalista encontramos, da química à física nuclear, reações energéticas que aceleram o processo de entropia, constataremos que o que está em jogo não é tanto o lançamento, mas a *explosão*. Mas uma explosão que, diversamente do “*éclatement de la finitude*” (como dizia Lebrun a respeito da dialética hegeliana), não promete nada – ou melhor, só promete o *Nada*. Por isso “os senhores da bomba são niilistas em ação”<sup>72</sup>. Em suma, eis o niilismo socialmente objetivo (e hoje, como fica evidente, *acelerar a história* não teria outro sentido senão este). Tal niilismo não é, portanto, uma mera patologia ou algo da cabeça de filósofos de países atrasados. “É estúpido querer refutar o niilismo. Somente ingênuos e oportunistas colocam para si essa tarefa.” O lastro desse niilismo é uma

<sup>70</sup> ADORNO, T. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008, p. 47.

<sup>71</sup> ADORNO, T. *Zur Lehre von der Geschichte und von der Freiheit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006, p. 135.

<sup>72</sup> ANDERS, G. *Die Antiquiertheit des Menschen I*. München: Beck, 2010, p. 296.



*emergência real*: “Estados de emergência [*Notstände*] são somente abolíveis, não refutáveis.”<sup>73</sup>

A reviravolta histórico-filosófica na qual implica o diagnóstico de Benjamin a respeito das interversões entre progresso e catástrofe desdobradas no seio do progresso técnico é o reconhecimento de que, se há algo como um “espírito do mundo” a determinar o curso das coisas, *ele não joga a favor*. Esse é o cerne de sua oposição ao progressismo, que na Alemanha era encarnada pela social-democracia. Tal crença de que o curso do mundo seria algo favorável não era somente falso, mas politicamente danoso: “Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente, na qual ela supunha estar nadando. Daí só havia um passo para crer que o trabalho industrial, que aparecia sob os traços do progresso técnico, representava uma grande conquista política.”<sup>74</sup> Benjamin não concebe a transformação social – a revolução – como a *aceleração* de um processo já dado. Antes o contrário: “Marx disse que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Mas talvez as coisas sejam completamente diferentes disto. Talvez as revoluções sejam o ato pelo qual a humanidade que viaja neste trem puxa o freio de emergência.”<sup>75</sup> Que seja dito, não se trata de um “freio” qualquer – isto é, não se trata do freio como *contenção*, que junto com o acelerador mantém o trem em movimento, sustentando a normalidade catastrófica. Tal freio tampouco ameniza a viagem – o freio de emergência é brusco e violento. Afinal, embora a finalidade seja *impedir* a catástrofe, uma freada emergencial de um trem se assemelha, ela mesma, a uma catástrofe. Menos como uma explosão, e mais como um corte de um fusível: “Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado.” Quem deseja explodir a dinamite é a classe dominante, que de todo modo já ateou fogo no mundo. A revolução não como o processo em que a combustão é acelerada, mas no qual ela é *interrompida* em um ato de antecipação. Günther Anders dizia que a nossa época não é mais propriamente uma época, mas um *prazo*. Mas como já dizia Benjamin em seu “Aviso de incêndio”: “O verdadeiro político só calcula em termos de prazos.”<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup> Ibidem, p. 323.

<sup>74</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História”, p. 227.

<sup>75</sup> BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften I-VI*. Frankfurt a.M: Suhrkamp, 1972-1989, p. 1232.

<sup>76</sup> BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*, p. 46.

## Referências

- ADORNO, Theodor. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.
- ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- ADORNO, Theodor. **Prismas**. São Paulo: Ática, 1998.
- ADORNO, Theodor. **Zur Lehre von der Geschichte und von der Freiheit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.
- ANDERS, Günther. **Die Antiquiertheit des Menschen I**. München: Beck, 2010.
- ANDERS, Günther. **Die Antiquiertheit des Menschen II**. München: Beck, 2013.
- ANDERS, Günther. **Die atomare Drohung**. München: Beck, 2003.
- ANDERS, Günther. **Günther Anders antwortet: Interviews und Erklärungen**. Berlin: Edition Tiamat, 1987.
- ANDERS, Günther. Homo animal jacens. In: **Cadernos de Tradução LELPrat**, Guarulhos, v. 2, junho 2021.
- ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften I-VI**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972-1989.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. São Paulo: Autêntica, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I-III**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- CAUX, Luiz Philipe de. Hegel e o problema da técnica. **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 48, p.83-114, jan.-jun.2021.
- CHAMAYOU, Grégoire. **Teoria do drone**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- DAVID, Christophe. De l'homme utopique à l'utopie négative: Notes sur la question de l'utopie dans l'oeuvre de Günther Anders. **La Découverte**. n. 45-46, 2006, p. 133-142.
- ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- HERF, Jeffrey. **Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich**. New York: Cambridge University Press, 1984.
- JÜNGER, Ernst. **Der Arbeiter**. Stuttgart: Ernst Klett Verlag, 1932.

JÜNGER, Ernst. Die totale Mobilmachung. In: **Krieg und Krieger**. Berlin: Verlag Junker und Dünnhaupt, 1930.

JUNGK, Robert. **O futuro já começou**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

KURZ, Robert. Der Knall der Moderne. Innovation durch Feuerwaffen, Expansion durch Krieg: **Ein Blick in die Urgeschichte der abstrakten Arbeit**. Jungle World, 09/01/2002.

LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARINETTI, Filippo Tommaso. **Manifesti futuristi**. Milano: Rizzoli, 2013.

ORR, John. German social theory and the hidden face of technology. **European Journal of Sociology**. December, 1974.

PARKER, Geoffrey Parker. The Military Revolution: Military Innovation and the Rise of the West, 1500-1800. Cambridge: Cambridge University Press, 1996;

PASOLINI, Pier Paolo. **Escritos corsários**. São Paulo: Ed. 34, 2020.

SPENGLER, Oswald. **O Declínio do Ocidente**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SPENGLER, Oswald. **Der Mensch und die Technik. Beitrag zu einer Philosophie des Lebens**. München: Beck, 1931.

VITTE, Antonio Carlos. A preservação da paisagem e a conservação da natureza no III Reich. **CONFINS**. Paris, v. 32, p. 1-14, 2017.

VILMER, Jean-Baptiste Jeangène. **Idéologie du drone**. <http://www.laviedesidees.fr/Ideologie-du-drone.html#nb4>

Recebido em 05.03.2022.

Aceito para publicação em 25.03.2022.

© 2022 Felipe Catalani. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ( [http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR) ).